



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8454 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 09 - Trabalho e Educação e Movimentos Sociais

**A MÚSICA E O TEATRO DO OPRIMIDO NOS CENTROS DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO: UM DIÁLOGO ENTRE AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS E OS PROCESSOS EDUCATIVOS**

Fernanda Ortins Silva - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

**A MÚSICA E O TEATRO DO OPRIMIDO NOS CENTROS DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO: UM DIÁLOGO ENTRE AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS E OS PROCESSOS EDUCATIVOS**

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho é resultado de nossas reflexões no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Goiás (UFG) e tematiza os processos educativos do Teatro do Oprimido e da Musicoterapia nos Centros de Atendimento Socioeducativo. Para isso, realiza um diálogo entre as linguagens artísticas e os processos educativos com o objetivo refletir sobre o uso das linguagens artísticas, especificamente, a música e o teatro, nos processos educativos de adolescentes em situação de privação de liberdade.

Salientar as linguagens artísticas do adolescente infrator é pensar em como as práticas culturais podem auxiliar o adolescente no processo de sociabilidade e aprendizagem, uma vez que as linguagens (visual, sonora, corporal, verbal) estabelecem um diálogo direto “com o cotidiano e com todas as outras formas de saber” (BRASIL, 2006, p. 168). Sendo assim, nossa reflexão parte do seguinte questionamento: Em que medida as práticas culturais realizadas com os adolescentes privados de liberdade, principalmente, a música e o teatro, enquanto linguagens artísticas, auxiliam os processos educativos?

Para tanto, foi realizada, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica a fim de se compreender o que consta nas bases curriculares sobre a arte (música, dança, teatro, artes plásticas), os conceitos de teatro do oprimido, musicoterapia e socioeducação. Em seguida, foi

realizada pesquisa documental nos arquivos das unidades socioeducativas e pessoais (relatórios, planejamentos, apostilas, fotos e vídeos) que tivessem registros de práticas culturais, a fim de conhecer e analisar as ações desenvolvidas nos atendimentos de musicoterapia e aula do teatro do oprimido. A análise desses arquivos e documentos permitiu, *a priori*, uma reflexão sobre essas práticas culturais de maneira a ampliar o olhar sobre o adolescente infrator para além das grades e do ato infracional, ou seja, como um ser capaz de produzir, refletir e apresentar um novo comportamento, com disciplina, companheirismo, respeito ao outro e à equipe, além de desenvolver seu pensar crítico e de cidadania. Ainda, foi possível desenvolver habilidades artísticas e culturais, seja na representação teatral ou na composição de músicas.

## DESENVOLVIMENTO

O sistema socioeducativo constitui-se em um espaço de oportunidades para o exercício da cidadania plena e de possibilidades de transformação, socialização, sujeito de direitos e deveres. Tem por objetivo orientar os adolescentes na compreensão de outros princípios e valores, dar visibilidade social, antes exercida por meio de atos infracionais. E, ainda propiciar o crescimento individual, do grupo social a que pertence, permitindo a sua inclusão como protagonista de sua história, comprometido com a política, educação, comunidade, vida particular e social, ou seja, com a transformação do mundo que o cerca (COSTA, 2006; RODRIGUES & MENDONÇA, 2008). Dessa forma, visa proporcionar ao adolescente um atendimento efetivo através de vivências artísticas, culturais, esportivas, escolares, iniciação básica para o trabalho/aprendizagem, dentre outras, com a participação da comunidade educativa. Neste sentido, buscou-se no Teatro do Oprimido e na música em Musicoterapia uma forma de desvelar possíveis conteúdos internos e apreensão de habilidades por meio das práticas culturais.

Tem-se como referenciais teóricos Brasil (2006), Coelho (1997), Pinto (1979), Gohn (2001) e Konder (2005), por considerarem a arte e a cultura como produção humana, em um dado contexto social e, sobretudo, por compreenderem que o homem ao produzir cultura, desvela a produção de si mesmo. Desse modo, as práticas culturais auxiliam a expressão de sentimentos de forma a contribuir para a formação da autoconsciência do ser humano, expandindo conhecimentos, valores, conceitos, modos, formas e processos de atuação na história.

Augusto Boal, desde os anos 60, desenvolveu por meio de experimentações de jogos dramáticos, brincadeiras populares e psicodrama, o Teatro e a Estética do Oprimido. Através da metodologia do Teatro do Oprimido, o autor vislumbrou a possibilidade de desenvolver um trabalho com pessoas comuns e nos movimentos populares, estabelecendo condições práticas para que o “oprimido” se apropriasse dos meios de produzir teatro e ampliasse suas possibilidades de expressão e criatividade. Dessa forma, as pessoas que vivenciavam esta metodologia, retomavam a autoconfiança e se permitiam construir algo artístico, seja na escrita, nas artes plásticas ou música (BOAL, 2007).

Por sua vez, a Musicoterapia é “uma terapêutica expressiva que se dá através do não verbal e do musical, possibilitando minimizar os problemas, tanto individuais como grupais, e facilitar a integração/reintegração no ambiente social” (BRUSCIA, 2000, p. 274). Dessa forma, a integração do Teatro do Oprimido e Musicoterapia tinha como objetivo não só desenvolver habilidades teatrais e musicais, mas também despertar uma nova forma do indivíduo se relacionar consigo e com o mundo, em sintonia com os objetivos da

socioeducação.

As atividades do Teatro do Oprimido e da Musicoterapia eram desenvolvidas em qualquer espaço da unidade socioeducativa (pátio, sala de aula, salas de atendimento individual e grupal, refeitório, área de convivência dos alojamentos, entre outros), dependendo da disponibilidade. Todo o processo metodológico tinha como base o trabalho coletivo envolvendo adolescentes e equipe, com uma prática pedagógica, em que o processo sistematizado proporcionava ao interno em conflito com a lei melhor aprendizado da linguagem cênica, teatral, musical e reflexão sobre a vida.

As práticas culturais de teatro e música seguiam as seguintes etapas: 1) Aplicação de jogos com a intenção de descontrair o grupo e prepará-los para desenvolver a espontaneidade e criatividade; 2) Aplicação de técnicas que exigiam uma maior capacidade de argumentação, concentração e diálogo; 3) Contação de histórias (a partir de vivências pessoais e/ou de pessoas próximas, em que os adolescentes contavam suas histórias de opressão e traziam à tona diversos conflitos vivenciados em seu dia a dia. Fatos carregados de verdade, emoção, raiva, amargura, desesperança, ódio, fatalidades, violação de direitos, agressão, violência e opressão); 4) Ensaios e preparação para a Cena Fórum (apresentação final); 5) Composição e/ou criação de música, poesia e painel artístico da cena; 6) Apresentação e reflexão sobre o processo.

Destaca-se que um dos desafios para a realização deste tipo de trabalho era o atendimento em grupo, isto é, um grande quantitativo de adolescentes fora dos alojamentos significava “perigo / problema”. Dessa forma, um dos primeiros processos educativos observados foi a manutenção de um bom comportamento e disciplina para que as atividades ocorressem. Os diálogos eram estabelecidos diariamente na tentativa de diminuir os conflitos e o respeito entre eles e a equipe ser uma constante.

Além disso, focando nas linguagens artísticas propriamente ditas, muitos adolescentes não tinham vivenciado o teatro e se sentiam incapazes inicialmente de encenar. Como não há falas prontas para serem decoradas, mas sim fatos do dia a dia com as histórias contadas, os adolescentes tinham um potencial de expressão e encenação antes desconhecidos e despertados pelas atividades propostas. Muitos se sentiam atores no final e ficavam felizes pelos resultados alcançados, se permitiram expor, maquiar, vestir um figurino e apresentar para a equipe e familiares. Confrontando-se com a timidez e a expressão de seus problemas de uma maneira menos agressiva. A raiva, antes expressada somente pela prática de atos delitivos, agora era canalizada pelo diálogo e encontro com o outro, num toque de empatia.

Quanto à habilidade artística (plástica) houve a criação dos painéis, o desenho era livre e eles podiam colocar o que mais chamou atenção na cena, com o foco na liberdade de expressão, um trabalho feito em conjunto, com respeito pela limitação artística de cada um.

Em relação à habilidade musical, criação de canções, observa-se que trouxeram à tona conteúdos de conflito familiar, negligência, omissão, escolha pela rua, fome, com métrica e rima próprias do rap, conectadas com suas histórias de vida:

*Padrasto não te desculpo pela dor que me fez passar, Das 90 chineladas que me fez chorar [...]Acho melhor ir pra rua e dormir no chão. Do que ficar em casa sofrendo agressão. Cadê você mãe? Cadê você mãe? Mãe! Chega de omissão. Quando mais precisei você não me deu atenção. Preferiu aquele homem achando que ele era bom*  
**Chega de omissão.** Trecho da *Parádia* da Música “Mãe – Atitude Feminina”  
 RELATÓRIO FINAL DAS OFICINAS INTEGRADAS (2013, p. 09).

Foram orientadas a buscar seus direitos, pessoas de confiança e se posicionarem diante dos fatos ocorridos e, quando possível, fazer a denúncia, exercendo aqui a cidadania, como outro processo educativo.

Como visto acima, diversas linguagens artísticas foram utilizadas, tais como expressão corporal, plástica, verbal, musical, cênica e escrita, com o objetivo de compreender melhor o adolescente infrator e vivenciar uma aprendizagem não só de conteúdo, mas do cotidiano, com novas possibilidades de expressão e compreensão do mundo.

Diante das temáticas trazidas pelos adolescentes, estimulamos as argumentações e novas possibilidades de resolução do problema, para que no dia a dia ou mesmo na apresentação final, o grupo estivesse preparado para qualquer argumento novo apresentado pela vida ou pela plateia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Acredita-se que as linguagens artísticas, por meio de diversas práticas culturais, são permeadas por processos educativos que desvelam autoconsciência, expressão de sentimentos e emoções, recontextualização de suas situações de vida, relações interpessoais mais profícuas. Contemplando não só o socioeducando, mas também a comunidade socioeducativa que pôde exercitar novas formas de encarar o problema (a questão posta), visualizando o respeito, a tolerância e a valorização das diversidades sociais de várias formas: encenando; tocando e cantando; participando do teatro-fórum de maneira reflexiva e crítica, criando ações preventivas quanto aos temas abordados pelas cenas e canções (tais como violência física, uso de drogas, tráfico, abandono, castigos corporais, tratamento cruel/degradante entre outros).

**Palavras-Chave:** Processos educativos. Teatro do Oprimido. Música. Musicoterapia. Responsabilidade Social.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Linguagens, códigos e suas tecnologias** / Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006, p. 6 – 9; 167 – 212.

BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. 10ª edição rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 368p.

BRUSCIA, K.E. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

COELHO, T. **Dicionário Crítico de Política Cultural**: Cultura e Imaginário. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 1997.

COSTA, A. C. G. da (Coord). **Por uma Política Nacional de Execução das Medidas Socioeducativas**: conceitos e princípios norteadores. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2006.

GOHN, M. da G. **Educação não-formal e cultura política**: Impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 2ª Ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

KONDER, L. **A arte das palavras**: elementos para uma poética marxista. São Paulo: Boitempo, 2005.

RODRIGUES, M. A. & MENDONÇA, A. **Algumas reflexões acerca da socioeducação**. Impresso no Núcleo de Comunicação Institucional – MPPR, março de 2008. Disponível em <http://crianca.mppr.mp.br/pagina-434.html> Acesso em 02 de fevereiro de 2018.

PINTO, A. V. **Ciência e existência**: problemas filosóficos da pesquisa científica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RELATÓRIO FINAL DAS OFICINAS INTEGRADAS. Início da oficina: 27 de agosto de 2013, término 25 de outubro de 2013. Goiânia, 2013.